



ENCONTRO 12

«O Pai Bom.»

Texto Bíblico: Lucas 15,11-32

1. ORAÇÃO INICIAL

Animador(a): Iniciemos o nosso encontro traçando sobre nós o sinal da Santa Cruz:

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Leitor(a) 1: Deus é um Pai Bom que oferece sempre acolhimento e perdão a todos. Nesse espírito, vamos iniciar este nosso décimo segundo Círculo Bíblico. Afinal, temos sede e fome de conhecer mais profundamente o nosso Mestre e Senhor Jesus Cristo!

Leitor(a) 2: Cheios de alegria, oremos todos juntos:

Todos: «Senhor, / Ensina-nos a não nos amarmos a nós próprios, / A não nos contentarmos em amar os nossos, / E em amar aqueles a quem amamos.

Ensina-nos a não pensar senão nos outros, / A amar primeiramente os que não são amados. / Inquieta-nos com o sofrimento dos outros.

Senhor, / Dá-nos a graça de sentir que / Em cada minuto da nossa vida, / Da nossa vida feliz por ti protegida, / Há milhões de seres humanos que são Teus filhos, / Que são nossos irmãos, / Que morrem de fome e não merecem morrer de fome, / Que morrem de frio e não merecem morrer de frio. /

Senhor, / Tem piedade de todos os pobres do mundo / E perdoa-nos por os termos abandonado tanto tempo.

Senhor, / Não permitas que sejamos felizes sozinhos. / Dá-nos a angústia da miséria universal / E livra-nos de nós próprios, se for essa a Tua vontade.»

(Autor: Raoul Follereau, apóstolo dos leprosos)

2. LEITURA DO TEXTO EVANGÉLICO

Orientações:

Fazer uma **primeira leitura** em voz alta (*por alguém que se preparou*) do texto evangélico de: **Lucas 15,11-32**.

Em seguida, cada um dos participantes **relê o mesmo texto**, em **silêncio**, em sua própria Bíblia.

Animador(a): Com este nosso décimo segundo encontro, teremos a oportunidade de “ouvir a parábola mais cativante de Jesus. Sem dúvida Ele a trabalhou longamente em seu coração... Esta parábola pode transformar radicalmente nossa relação com Deus e nossa convivência com os outros”.¹

Conversando com o texto evangélico:

¹ José Antonio Pagola. *Grupos de Jesus*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017, p. 101.

- a) O que o filho mais novo, na parábola, pede ao seu pai? (*Versículo 12a*)
- b) O pai aceitou o pedido do filho mais novo? (*Versículo 12b*)
- c) O que o filho mais novo fez com a sua herança e o que aconteceu com ele? (*Versículos 13-14*)
- d) Diante da miséria, que iniciativa esse filho tomou, mas o que se passa com ele, mesmo assim? (*Versículos 15-16*)
- e) Ao passar necessidade, do que o filho se lembra? E qual decisão ele toma? (*Versículos 17-20a*)
- f) Quando o pai vê o filho retornando, quais são as suas três atitudes? (*Versículo 20b*)
- g) Após a contrição do filho, qual é a reação de seu pai? (*Versículos 21-24*)
- h) Quando o filho mais velho retorna do campo e se depara com uma festa, qual é a sua atitude? (*Versículos 25-28a*)
- i) Diante da insistência de seu pai para participar da festa, o que diz o filho mais velho? O que suas palavras deixam transparecer? (*Versículos 28b-30*)
- j) Qual é a resposta do pai diante das queixas do filho mais velho? (*Versículos 31-32*)
- k) Quais motivos levaram o pai a festejar e acolher tão bem o filho mais novo? (*Versículo 32*)

3. MEDITAÇÃO

Animador(a): Após termos mergulhado de modo mais atento no texto do Evangelho, vamos refletir mais e melhor a respeito do mesmo.

(**Atenção:** *alguém que se preparou, lê pausadamente o texto da reflexão abaixo.*)

Importante: *seria muito melhor se alguém pudesse **expor vividamente** o conteúdo principal do texto abaixo, não lendo, mas **explicando**.)*

Deus oferece sempre seu perdão

«Alguns continuam chamando esta parábola de “parábola do filho pródigo” ou esbanjador; mas o verdadeiro protagonista do relato é um pai bom que tem problemas para manter unida sua família. De um lado, porque o filho mais moço vai embora de casa para viver sua aventura; de outro lado, porque o filho mais velho não quer recebê-lo quando ele retorna. Será esta a tragédia da humanidade? Será Deus o mistério de um Pai que procura com amor construir uma família humana feliz?

Jesus conhecia bem os conflitos vividos nas famílias da Galileia: discussões entre pais e filhos, desejos de independência de alguns, rivalidades entre irmãos por direitos de herança. Quando Jesus começa seu relato, todos sabem do que Ele está falando.

“*Um pai tinha dois filhos...*” O conflito surge quando o filho mais moço apresenta uma exigência insólita: “*Pai, dá-me a parte da herança que me cabe*”. O pai não diz nada, respeita a insensatez de seu filho e reparte os bens entre eles. Os camponeses que o ouvem devem ter ficado desconcertados: Que tipo de pai é este que não impõe sua autoridade? Como pode consentir no atrevimento de um filho que lhe pede para repartir sua herança antes de morrer? Como pode um pai perder assim sua dignidade?

Repartida a herança, o jovem se desliga do pai, abandona seu irmão e parte “*para um país distante*”. Rapidamente uma vida desregrada o leva à ruína. Sem recursos para defender-se de uma grave penúria, sozinho num país estranho, sem família nem proteção alguma, termina como escravo de um pagão, cuidando de porcos. Sua degradação não pode ser maior: sem liberdade nem dignidade alguma, levando uma vida sub-humana no meio de animais impuros, sem poder nem sequer alimentar-se das favas com que se alimentam os porcos que estão aos seus cuidados. Ao ver-se numa situação tão desesperada, o jovem reage. Lembra a casa de seu pai, onde o pão é abundante: aquele é seu lar. Ele não pode continuar por mais tempo longe de seu pai. Sua decisão

é firme: “*Voltarei para a casa de meu pai*”. Reconhecerá seu pecado. Perdeu todos os seus direitos de filho, mas talvez consiga ser contratado como diarista.

A acolhida do pai é insólita. Jesus a descreve com traços inesquecíveis. Aquele pai, que o havia visto partir de casa com tristeza, nunca o esqueceu. O filho poderá voltar para casa a qualquer momento sem nenhum temor. Quando um dia ele o vê aproximar-se faminto e humilhado, as entranhas do pai se comovem. Ele “*sentiu compaixão por ele*”, perdeu o controle e **correu ao encontro do filho**.

A cena é incrível. Jesus a recriou, sem dúvida, mais de uma vez em seu coração a partir de sua experiência da bondade de Deus. O pai **o abraça** com ternura sem deixar que ele se lance a seus pés; **beija-o** efusivamente sem temer seu estado de impureza. Este pai não age como o patrão e patriarca de uma família da Galileia: **estes abraços e beijos afetuosos diante de todo o povo são os gestos de uma mãe**. Ele interrompe a confissão do filho para poupar-lhe mais humilhações. Este já sofreu bastante. O pai não precisa de mais explicações para acolhê-lo como filho.

Não lhe impõe nenhum castigo. Não exige dele um ritual de purificação. Não parece sequer sentir a necessidade de manifestar-lhe com palavras seu perdão. Não é necessário. Ele nunca deixou de amá-lo. Sempre buscou sua felicidade. **A preocupação do pai agora é que o filho se sinta bem**. Dá-lhe o anel de filho, a melhor veste da casa e as sandálias de homem livre. Matarão o bezerro cevado. Fará um banquete para todo o povo e música e danças na praça. O filho irá conhecer junto ao pai a festa boa da vida, não a diversão falsa que procurava entre prostitutas pagãs. Vê-se o pai feliz. Tudo é mais do que justificado, porque “*este meu filho estava morto e tornou a viver, estava perdido e o encontramos*”. Finalmente poderão viver em família de maneira digna e feliz.

Infelizmente está faltando o filho mais velho. Ele chega do campo ao entardecer. Por mais um dia ele executou seu trabalho. Ao ouvir “*a música e a dança*”, fica desconcertado. Não entende nada. **A volta do irmão não desperta nele alegria, como em seu pai, mas raiva**. Irritado, permanece fora, sem entrar na festa.

O pai sai para convidá-lo com o **mesmo carinho** com que saiu ao encontro do filho chegado de longe. **Não grita com ele nem lhe dá ordens**. Não age como o patrão de uma casa. Pelo contrário, **novamente como uma mãe suplica-lhe repetidamente que entre para desfrutar a festa**.

Então o filho mais velho explode e põe a nu sua ira. Passou toda a sua vida cumprindo as ordens do pai como um escravo, mas **não soube desfrutar seu amor como um filho**. Talvez sua vida de trabalho sacrificado tenha endurecido ainda mais seu coração. Nunca saiu de casa, mas nunca viveu em família; se seu pai lhe tivesse dado um cabrito, teria organizado uma festa, não com ele, mas com seus amigos. Agora só sabe humilhar seu pai tachando-o de ingrato e pouco generoso (“*não me deste nem sequer um cabrito*”) e denegrir seu irmão denunciando sua vida libertina (“*esbanjou teu patrimônio com prostitutas*”).

Este filho sabe “obedecer ordens”, mas não sabe “amar”. Não entende o amor de seu pai para com aquele miserável. Ele não acolhe nem perdoo.

O pai lhe fala com ternura especial. De seu coração de pai, ele vê as coisas de maneira diferente. Aquele desventurado que chegou de longe não é um depravado, mas “**teu irmão**”, um filho “*que estava morto e tornou a viver*”. E ele próprio, que não quer entrar na festa, não é um escravo, mas um filho querido que pode viver junto a seu pai, desfrutando e compartilhando tudo com ele. O desejo mais profundo de seu coração de pai é ver seus filhos sentados à mesma mesa, compartilhando amistosamente um banquete festivo.

Jesus interrompe aqui seu relato. O que sentiram os que ouviram pela primeira vez este relato? Certamente não era isso que se escutava no templo nem nas sinagogas. É possível que Deus seja assim? Como um pai que não guarda seus bens para si mesmo, que respeita inteiramente o

comportamento de seus filhos, que não anda obcecado por sua moralidade, que só busca para eles uma vida digna, fraterna e feliz?

Será esta a melhor metáfora de Deus: **um pai acolhendo com os braços abertos todos os que andam “perdidos” e suplicando aos ouvintes que se acolham mutuamente como irmãos?** Será isto o “reino de Deus”? Um Pai que quer conduzir a história humana para uma festa final onde se celebre a vida, o perdão e a libertação definitiva de tudo quanto escraviza e degrada o ser humano?

Jesus fala de um banquete abundante para todos, fala de música e danças, de filhos perdidos que desencadeiam a ternura de seu pai e de irmãos chamados a acolher-se. Será esta a Boa Notícia de Deus? O que sentiram os pais que haviam fechado para sempre as portas a seus filhos fugidos de casa para viver sua própria aventura? O que experimentaram aqueles que passavam anos longe de Deus, à margem da Aliança? Em que pensaram os que viviam cumprindo fielmente os mandamentos da Lei, mas desprezavam pecadores, cobradores de impostos, prostitutas e indesejáveis? **E o que sentimos nós, seguidores de Jesus, que estamos ouvindo esta parábola saída de seu coração?»²**

Animador(a): À luz do que o comentário que acabamos de ouvir e refletir nos disse, vamos nos fazer as seguintes perguntas. Primeiramente, façamos um profundo **silêncio**, ouvindo uma suave música de fundo:

- a) Será que, em nossa vida, nós já não agimos como o **filho mais novo** da parábola contada por Jesus? Ou seja, será que tivemos fases da vida nas quais nos afastamos de nosso Pai Celestial, a fim de vivermos segundo nossos instintos egoístas, autossuficientes e materialistas? **(Não precisa compartilhar a sua resposta, guarde para si mesmo como um exame de consciência!)**
- b) Será que, em nossa vida, nós já não agimos como o **filho mais velho**? Ou seja, será que não estamos mais habituados a viver a nossa religião cumprindo regras e preceitos, ao invés de buscarmos viver um intenso e profundo amor a Deus e aos nossos irmãos e irmãs? **(Não precisa compartilhar a sua resposta, guarde para si mesmo como um exame de consciência!)**
- c) Será que nós não nos scandalizamos com esse Deus que é um Pai que ama sem impor condições, que perdoa infinitamente, que se alegra com o arrependimento de seus filhos e filhas, e tem por objetivo último promover a felicidade de todos os seres humanos? Às vezes, parece que nos agrada mais um Deus que pune, que castiga, que faz diferença entre os bons e os maus, não é verdade? **(Não precisa compartilhar a sua resposta, guarde para si mesmo como um exame de consciência!).**

4. PRÁTICA

Animador(a): Aquilo que refletimos, hoje, no Evangelho é algo que pode transformar completamente a maneira como nos relacionamos com Deus e com os irmãos e irmãs. Afinal, dependendo do tipo de imagem que fazemos de Deus, será a nossa maneira de viver a fé. Se encaramos Deus como um Pai que vigia, que fiscaliza o comportamento de seus filhos e filhas, que pune aqueles que se extraviam e se afasta dos pecadores; a nossa religião será aquela do **mérito**, isto é, se salva quem merece porque obedeceu às leis e regras do Pai. Enquanto que, se cremos em um Deus que ama incondicionalmente e que deseja, apenas e tão somente, a felicidade de suas criaturas, a nossa religião será aquela da **gratuidade** e da **alegria**, pois teremos confiança nos braços sempre abertos e acolhedores de nosso Pai Celeste! Por isso, surgem diante de nós as seguintes questões:

² José Antonio Pagola. **Grupos de Jesus**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017, p. 103-106.

- a) Olhando, em profundidade, para as nossas celebrações, para as nossas pregações, para a nossa catequese, para as nossas orações, **que rosto de Deus prevalece?** Seria o mesmo daquele que Jesus nos revelou na parábola do Pai Bom?
- b) Segundo aquilo que respondemos na pergunta anterior, como podemos tornar a nossa comunidade mais acolhedora, mais fraterna e mais festiva? Que tipo de **atitudes concretas** precisamos ter para que, especialmente as pessoas que vivem em situação de pecado e afastadas, possam aproximar-se e identificar em nós o **rosto materno de Deus?**

*(Dar um espaço de tempo necessário para as pessoas conversarem em duplas ou trios.
Ao final, se recolhe as principais ideias surgidas nesse diálogo.)*

5. ORAÇÃO

Animador(a): Agora, chegou o momento em que a Palavra de Jesus que refletimos nos faz dizer algo a Deus. Façamos, primeiramente, um profundo silêncio para que cada um possa se colocar, de verdade, diante de Deus, nosso Pai.

(Deixar uns dois a três minutos de silêncio.)

Animador(a): Assim como o filho mais novo sentiu a grata surpresa de ter um pai que não o repreendeu, não o castigou, enfim, não o condenou, mas o acolheu em seu amor; também nós, neste momento, podemos sentir essa calorosa e intensa acolhida do amor de Deus. Quem de nós gostaria de agradecer ao Pai Celestial o perdão e as graças que já recebeu em sua vida. Vamos! Todos temos algo a agradecer a Deus! Após cada oração pessoal, nós iremos rezar, dizendo:

Todos: “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu!”

(Dar tempo e estimular que uma ou duas pessoas, ao menos, faça a sua oração.)

Animador(a): O filho mais novo nem foi ouvido pelo Pai, quando lhe pediu perdão e se humilhou diante dele! O Pai somente tinha ouvidos para o amor, para acolher o filho perdido. Tenhamos a humildade de suplicar a Deus por aquilo que mais necessitamos em nossa vida hoje. Afinal, Deus está de braços abertos aguardando a sua chegada, a sua oração! Rezemos... Após cada oração pessoal, nós iremos rezar, dizendo:

Todos: “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu!”

(Dar tempo e estimular que uma ou duas pessoas, ao menos, faça a sua oração.)

Animador(a): Para nos salvarmos não basta sermos fiéis cumpridores de leis, regras, preceitos religiosos e evangélicos, temos de amar, temos de perdoar, temos de ser fraternos uns com os outros. Vamos pedir o PERDÃO de Deus e reconhecer que, muitas vezes, nos comportamos como o filho mais velho, tendo dificuldade de acolher, de perdoar e de viver respeitando o outro como ele é! Que ninguém se acanhe! Peçamos e recebamos a misericórdia de Deus! Rezemos... Após cada oração pessoal, nós iremos rezar, dizendo:

Todos: “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu!”

(Dar tempo e estimular que uma ou duas pessoas, ao menos, faça a sua oração.)

Animador(a): Concluamos este nosso momento de interioridade com Deus, entoando esta bela canção:

Todos:

1. Muito alegre eu te pedi o que era meu / partir, um sonho tão normal.
Dissipei meus bens e o coração também, / no fim meu mundo era irreal.

Refrão:

Confiei no teu amor e voltei, / sim aqui é meu lugar!
Eu gastei teus bens ó Pai e te dou / este pranto em minhas mãos.

2. Mil amigos conheci disseram adeus / caiu, a solidão em mim.
Um patrão cruel levou-me a refletir / meu Pai, não trata um servo assim.

Refrão...

3. Nem deixaste-me falar da ingratidão, / morreu no abraço o mal que eu fiz.
Festa, roupa nova, anel, sandália aos pés. / Voltei a vida, sou feliz!

Refrão...

(LETRA: D. Carlos A. Navarro | MÚSICA: Valdeci Farias)

6. ENCERRAMENTO

Animador(a): Em nome de todos os presentes, eu agradeço, de coração, a família ... que cedeu a sua residência para a nossa reunião de hoje.

(Se houver algum aviso da paróquia ou quase-paróquia, pode ser transmitido neste momento.)

O nosso próximo encontro, será ... (*local*), no dia ... (*data*), às ... horas. Contamos com a presença de todos vocês!

Todos somos convidados a ler o texto evangélico de **Lucas 15,1-7**, em preparação ao nosso próximo encontro. Por gentileza, anotem!

Encerrando o nosso encontro, vamos rezar a AVE-MARIA e, em seguida, darmos o **abraço da paz** em cada um de nossos irmãos e irmãs presentes.